

Gênero narrativo e cultura como memória: uma análise da concepção de gênero como memória a partir dos filmes *A praga* (1980-2023) e *La bête* (1975)¹

Saulo Tiago Monteiro Araújo²
Universidade Federal do Ceará - UFC

Resumo

Este trabalho analisa o gênero narrativo como expressão da memória coletiva, fundamentando-se na concepção de cultura como memória, em diálogo com Lotman (1996) e Bakhtin (1998). Propomos a ideia de gênero como um acordo flexível que está sempre em diálogo com o passado, atualizado e reelaborado constantemente diferentes aspectos de uma memória compartilhada. Com base nos conceitos de memória criadora e memória informativa de Lotman, investigamos os filmes *A Praga* (1980), de José Mojica Marins, e *La Bête* (1975), de Walerian Borowczyk — ambos associados ao gênero do horror. Amparados nas teorias de Lotman (1996), Bakhtin (1998), Todorov (2004) e Altman (1999), exploramos o gênero como uma memória coletiva da cultura, que engloba tanto convenções estruturais narrativas quanto elementos extra diegéticos.

Palavras-chave

gênero narrativo; horror; semiótica da cultura; análise fílmica; memória criadora.

Introdução

Esse trabalho parte da perspectiva, em diálogo com Lotman (1996), de uma concepção de cultura como uma inteligência coletiva e memória coletiva, que em constante disputa, passa por uma série de movimentos dialéticos e dialógicos de sentido no decorrer do tempo cronológico. É uma memória porque conecta diferentes grupos de pessoas sob um referencial compartilhado, um passado em comum, constantemente atualizado e reorganizado, que produz uma visão compartilhada de um todo, que ainda com todas as diferenças e disputas de sentido presentes dentro de um mesmo contexto cultural, constroi uma imagem relativamente estável sobre si mesmo.

O que não quer dizer por exemplo, que todas as pessoas e grupos que pertencem a determinados contextos culturais pensam de forma homogênea, mas que compartilham de uma memória comum, e que mesmo as amplas diferenças dentro de certa cultura estão organizadas em determinados limites, sempre situados no tempo e espaço, e que, por exemplo, mesmo a mais particular subjetividade de um indivíduo — se observado em toda a sua dimensão individual e própria — está imersa em determinadas possibilidades históricas de subjetivação, ainda que muitíssimo amplas, variáveis e imprevisíveis. A possibilidades de subjetivação desse indivíduo, mas

¹ Resumo expandido submetido para o GP01 - Cinema, do 48º Congresso brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 01 a 05 de setembro de 2025 em Vitória/ES.

² Mestrando em comunicação pelo Programa de Pós Graduação em Comunicação - PPGCOM, da universidade Federal do Ceará - UFC.

principalmente — as expressões dessa subjetividade particular — estão localizadas dentro de possibilidades finitas dentro de um momento da cultura que está sempre situado no tempo e no espaço. A expressão das subjetividades desse indivíduo, por exemplo, vai sempre estar vinculada a uma língua ou uma linguagem, e a própria língua, ou qualquer linguagem, são memórias coletivas, e suas possibilidades de expressão estão sempre determinadas em certos contextos, e por mais inovadoras que possam ser as comunicações através da língua e da linguagem, elas nunca surgem sem um referencial — estão sempre vinculadas a um passado, seja na negação ou na repetição, mas, de um jeito ou de outro, sempre na reorganização e atualização de um passado compartilhado.

É a partir dessa visão de cultura que enxergamos a ideia de gênero narrativo como uma expressão dessa memória coletiva. A ideia de gênero narrativo não se refere a qualquer postulação de pretensão universal que possa ser aplicada precisamente em qualquer narrativa, e a relevância da teorização a respeito da ideia de gênero não depende da aplicação precisa de uma definição qualquer que consiga abarcar todas as obras do passado e as futuras (Todorov, 2004). Mas da mesma forma como parece absurdo que qualquer definição de gênero possa se encaixar perfeitamente em todas as obras já produzidas e em produção, também é absurdo pensar que qualquer obra não mantenha relações com outras já pré-existentes. Nesta investigação abordaremos dois filmes como objetos de nossa investigação: *A Praga* (1980), de José Mojica Marins, e *La Bête* (1975) de Walerian Borowczyk, que são filmes usualmente classificados pertencentes ao gênero horror ou terror.

Os estudos de gênero sob a perspectiva desse trabalho, falam justamente sobre esses acordos e reelaborações de um passado em comum, constantemente atualizados, resgatados e rechaçados, reorganizados pelas obras do presente, e essa é uma forma como as obras se comunicam com todo universo da cultura. O gênero é uma manifestação dessa memória coletiva e olhar para o gênero é olhar para as dinâmicas de organização dessa memória.

Metodologia

Em diálogo com diferentes concepções de gênero narrativo a partir de Lotman (1996), Bakhtin (1998), Todorov (2004), e Altman (1999), analisamos duas ficções cinematográficas, *A Praga* (1980), de José Mojica Marins, e *La Bête* (1975) de Walerian Borowczyk, para discutir o que entendemos por memória da ficção e do gênero narrativo, sempre em diálogo com os conceitos de memória criadora e memória informativa de Iuri Lotman (1996). A partir das discussões a respeito da análise fílmica como metodologia propostas por Aumont e Marie (2004), a nossa investigação abrange não apenas elementos narrativos estruturais, mas também fatores extra diegéticos que moldam a ideia de gênero narrativo. Nossa análise será principalmente descritiva, alternando entre a observação de elementos semânticos, sintáticos e pragmáticos, a partir de Altman (1999).

Considerações parciais

O gênero narrativo tem a possibilidade de revelar amplas conexões mnemônicas entre diferentes manifestações da cultura, e é justamente essa uma das relevâncias a respeito da ideia de gênero dentro do nosso contexto de análise. As

particularidades genealógicas do gênero, por assim dizer, podem ser subsídios para diferentes análises históricas e interpretativas. Mais do que uma forma de postular critérios que definem e delimitam precisamente as fronteiras dos gêneros narrativos, esse trabalho pretende encará-los como uma espécie de memória elástica que é capaz de comunicar uma série de discursos e elaborações, que dialogam com diferentes momentos históricos e contextos sociais, tendo em si a potência de agenciar transformações — são reorganizações e reconstruções de um passado compartilhado culturalmente.

Também valorizamos a análise do gênero narrativo na ficção para além das intenções explícitas do autor. Ainda que este não esteja consciente de todo o passado, frequentemente rizomático e caótico, que o gênero evoca, ele sempre mobiliza fragmentos desse passado via as referências inevitáveis do gênero narrativo, que estão sempre conectadas em uma rede de sentidos, nem sempre percebidas por inteiro facilmente, tornando as expressões do gênero narrativo uma conjuntura entre discursos intencionais, explícitos e implícitos, e acidentais. A observação entre as interações dessas possibilidades discursivas podem ser um caminho de análise da cultura e seus objetos de uma forma transdisciplinar e complexa, no sentido de complexidade que propõe Morin (2005).

Referências

ALTMAN, Rick. **Film/Genre**. British Film Institute, 1999.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **A análise do filme**. Lisboa: Texto & Grafia, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance**. (4ª ed.). Trad. Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Hucitec, 1998

LOTMAN, Iuri. **La semiosfera I: Semiótica de la cultura y del texto**. Madri: Cátedra, 1996

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Tradução de Eliane Lisboa. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. Tradução: Maria C. Correa Castello. 4ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012